

“O

homem põe e Deus dispõe...» Tivemos muitas oportunidades de saborear a verdade desta afirmação, que sendo voz do povo... é voz de Deus.

Dala Tando, a que chamaram depois Vila Salazar e hoje é cidade e capital do distrito de Quanza Norte, não a incluíramos nós no nosso itinerário. É verdade que com pena, por ser ali uma apreciável colónia de assinantes do nosso jornal! Mas como tínhamos de faltar algures...

Afinal, a já referida antecipação da visita a Malange e a feliz circunstância de haver automotora na manhã seguinte, resolveu-nos a dar o não dito por dito.

Padre Guimarães telefona da Missão de Malange para a de Dala Tando. Superior desta Missão, que sim senhor. E dia seguinte ao do telefonema, rente ao meio-dia, lá estava ele na estação por nós, para nos levar à Missão, a almoçar.

A notícia da nossa presença foi espalhada pela cidade, à pressa. Ao fim da tarde na sala grande da Câmara Municipal travámos conversa com quem soube e pôde, ou quis, lá ir.

Antes fizéramos poucas e rápidas visitas; demos uma pequenina volta para trazermos lembrança da terra; fomos em busca do já aqui salado Delfim, à obra onde trabalhava; e o nosso grupo de dois passou a ser de três.

Salazar é uma cidade pequenina mas airosa, em fase de grande progresso urbano. A euforia do café não chegou a produzir-lhe arranha-céus. Ainda bem. Envolvida a norte por montes onde nasce uma

AFRICA

água de mesa bastante apreciada, está situada numa planura a cerca de 800 metros de altitude, que me pareceu muito fértil. O clima, outrora, teve má reputação. Dizia-se, até, brincando com o velho nome, que em vez de Dalatando se devia chamar Dalamatando.

Porém, após trabalhos de combate à mosca do sono, o clima tornou-se o vulgar nos trópicos, com uma oscilação de temperatura na roda do ano entre os 14.º e os 32.º.

As actividades principais são a agricultura e o comércio. Mas o concelho é sede de minas de ferro e manganés em franca exploração. Com transporte fácil para Luanda (cerca de 250 km por estrada ou caminho de ferro); com energia abundante logo que Cambambe (70 km ao sul) comece a produzi-la — não é de todo imprevisível que outras modalidades de trabalho ali se venham fixar.

Tivemos muita pena de não visitar a Estação Agrícola que fica a escassos 4 km da cidade. Ali se estudam culturas tropicais em número de algumas centenas de espécies diferentes.

Frutas são abundantes e variadas. Vimos pela primeira vez a banana-ouro, rosada, enorme; e vimos-nos aflitos para dar conta de metade à sobremesa de uma refeição. Um fruto daqueles é quase um almoço. E um quilo delas, por lá, quando se compram, não custa além de cinco tostões. Que riqueza!

Ora volto ao princípio e digo a razão do adágio invocado.

Não tencionávamos vir a Salazar. Foi quase por acaso — nos pareceu... Pois foi ali que tivemos a primeira oferta concreta de emprego para um dos nossos.

Rui, que foi chefe do Lar do Porto, mandou-me hoje mesmo os seus papéis e os da sua noiva. Esperemos que os serviços de colonos os não vão empatar. E dentro em pouco será um novo casal enraizando em Africa, em contribuição modesta mas a única verdadeiramente eficaz para dizermos pelos séculos em fora que ali é Portugal.



SETUBAL

Estive uns dias no Calvário a retemperar forças do corpo e do espírito.

Em parte nenhuma como ali observei a face de Cristo tão autêntica. O Calvário, como o nome indica, é lugar de sofrimento expiatório. Obra de doentes, para doentes, pelos doentes.

A acção humana e divina de uns para com os outros rasga epopeias que os anjos cantarão junto do trono de Deus e que a nós homens encham de pressentimentos celestiais.

Eu vi-a. É cancerosa da vista direita com a face do mesmo lado contorcida e tem perto de setenta anos. Não tem família, como todos. A sua obrigação é tratar da Gracinda — um monstro de vinte e cinco anos com a figura de uma mulher sem pernas. É a cancerosa que lhe faz tudo, a limpa e lhe dá o comer na boca. Observei o carinho, a repugnância vencida, o amor. «É a minha menina». Se não tivesse este mal como seria uma rapariga perfeita.

Não calcula como eu gosto dela. Tinha-me contado, ao perguntar-lhe se estava melhor: «Hoje a Gracinda fez lá uns trejeitos e eu dei uma gargalhada sem querer e tenho uma dor muito grande do lado do mal».

Oh encantos! Oh beleza es-

Aos 3 anos cortaram-lhe uma perna, aos 43 outra. Precisava de ganhar o pão. Necessita de um carro de 3 rodas e guiador de mão. Quem lho dá?

condida que a dor vai revelando a pouco e pouco. O mundo torna-nos tão desumanos e a dor aperfeiçoa tanto a nossa sensibilidade. Enquanto o mundo repele o que é seu, no Calvário amam-se os monstros alheios! Que cenas lindas eu vi no Calvário!

É uma obra de doentes. Sim, de doentes. Todos são da Obra e operam nela. Há caras de profundo sofrimento e de felicidade

Fundador: PADRE AMÉRICO
10 DE DEZEMBRO DE 1960



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Administração
Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da Obra da Rua

Director e Editor

PADRE CARLOS CASA DO GAIATO

Composto e Impresso
Nas Escolas Gráficas



MUITOS estavam já tombados nas valetas. Outros sepultados vivos em antros de miséria. E todos privados de saúde, sem haveres, nem amigos, nem nada. Mas, se tu queres admirar-te de quanto o Senhor é amigo deles, achega-te ao Calvário. Sente-se o bafo quente da Sua Presença à cabeceira de cada um. O Senhor, que é Amor e Só por amor sabe agir, faz deles uma exigência constante e inquietante ao amor dos homens para com os homens. E por isso mesmo, nada falta a estes Seus filhos sofrendores. Tu, que dás e com eles repartes do que é teu, és testemunha da coacção que do Alto nos força a amar quem está no final da vida terrena, porque incurável, e mais do que ninguém precisa de carinhos, porque foi abandonado dos irmãos.

Repara: tantos como tu sentiram necessidade de dar, melhor, ouviram o apelo silencioso destes doentes e quão felizes se acharam depois que corresponderam. «Como sabe bem dar, quando vemos no Pobre um irmão nosso!» — diz alguém que se esconde no seu dar. Outro acerca-se muito contente: «É para os doentes incuráveis que mais me inclino. Por isso devo lembrar-me deles. Envio o referente à parte do meu ordenado que todos os meses reservo para os doentes do Calvário». Vai aqui um óbulo «para os doentes que amo de todo o coração». Mais alguém exprime a necessidade do sofrimento alheio, entrando no campo da fé: «É para que Deus tome conta dos meus pecados». Nem nós imaginamos quanto somos devedores àqueles que por nós são chamados a sofrer!

Ele são migalhas de muitas proveniências, todas marcadas com o mesmo sinal: um amor grande a quem sofre. É de Belo Horizonte do Brasil. É de Corgas. De Santo Tirso. De Freixo de Espada à Cinta. De Peniche. De Lourenço Marques. De Maceira do Liz. De Famalicão. De Elvas. Da Beira (A. P.). De Mirandela. De Cerdeira de Coa. De Trancoso.

Muitos assinantes com pequenas parcelas, que juntam ao pagamento do jornal. O Avelino que diga: — Quantas! São medicamentos. Uma aliança em ouro de Ponte do Lima. Roupas variadas. Pacotes e donativos no Espelho da Moda.

Anónimos vêm com recados. Carlota de Lisboa com presente. Cândida, da Foz do Douro, com promessa de tornar todos os meses — o que tem cumprido à risca. Doente para doentes também tem sido fiel ao prometido.

Agora é a vez dos médicos. São muitos desta feita. De Guimarães. De Vila Real de Santo António. Do Porto.

Mais conhecidos tornam. Amiga do Porto. Avó da mesma cidade amiga. Sociedade de Cristais ainda desta urbe, tão nossa. Alguém que todos os meses reparte com as Casas da Obra da Rua. Pecadora. Mãe amiga de seus filhos! E qual o não é? Zé Ninguém aparece com saudades do Pai Américo. Vem agora um humilde servidor. Uma avó de muitos netos, de Lisboa. Etelvina com roupas. Viúva d'Africa com tradicional presença. Muitos a pedir sufrágios por entes que Deus tenha. Assinante, no nascimento do terceiro filho, vem muito contente e discreta. Lourenço Marques «queria dar mais», mas já muito deu. Vai aqui um desconhecido. Outro que igualmente ignoramos envia «o produto de muitas renún-

de intraduzível. São os que aos olhos desprevidos nada fazem, mas que diante de Deus mais operam porque mais precioso trabalho realizam. O seu sofrer alegre, triunfante, é da Obra. As suas dores, agudas e contínuas são holocausto puríssimo oferecido a Deus pela Obra. Que grandiosidade!...

O Calvário é só calvário, não tem misturas humanas.

Fui vê-la. Haviam-me contado. Senhor fulano é um caso de aflição.

Sentada e enrodilhada sobre si mesma, pensava não sei em quê mas o seu aspecto era de tenebrosa tristeza.

Uns caixotes de peixe eram o esconderijo que os familiares lhe haviam preparado para evitarem a censura dos transeuntes.

Aproximei-me. Falo. Nada. Encostei-me mais ao ouvido e perguntei pelas suas melhoras.

Continua para a segunda página

Continua na terceira página



PATRIMONIO

dos Pobres

Desde que esta Obra nasceu e porque as primeiras casas aqui em volta construídas, ficaram por esse prego, Pai Américo arbitrou que 12 contos representava uma casa. Na verdade o prego médio nacional anda muito por além, não longe mesmo do dobro. Mas foi abençoada a escolha daquela quantia, porquanto 12 é um número simpático, que não assusta quem os pode dar de uma vez sem grande custo, nem espanta os que só podem lá chegar passo a passo. E assim é que nós temos aquele grupo tão numeroso e edificante dos devotos de todos os meses, que se costumam apresentar no Agora, sob a designação de os das casas a prestações.

Equivalento, pois, 12 contos a uma casa, logo surgiu, entre os dadores da dúzia (simbolicamente dadores da casa) quem pedisse a colocação de uma placa com o nome da sua intenção. Placa esta que nada tem a ver com aquela clássica lápide de «homenagem aos insígnis benfeitores», mas, pelo contrário, é quase sempre anónima, porque, ou constituída por nomes próprios, ou nomes de Santos, ou deles invocando um mistério da Vida de Jesus ou de Nossa Senhora. Também surgem placas com nomes de colectividades, em regra de trabalhadores, que juntaram suas migalhas para a consecução da importância. Outras são gritos de fé e de desabafo, consumados em Caridade: «Casa Ouvi-me Senhor», «Casa do Meu Sofrimento», «Casa Graças a Deus»... e tantas como estas.

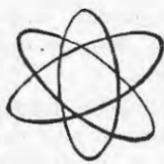
Finalmente, aqui e além, aparece uma placa aparentada com as tais clássicas lápides... mas dessas quem dera que não!

Ora tudo isto vem a propósito de perguntas muitas vezes recebidas, sobretudo das comissões que representam grupos de dadores, acerca da localização das suas casas. Eu olho para o espaço do Famoso com muita angústia!... Mas, como Júlio diz que para uma total informação e acerto de dúvidas, convinha pôr aqui a localização das placas colocadas e assim me parece também... — ela, aí vai.

A memória de meus Pais — *Aldeia Nova de S. Bento*; A minha Mãe — *Meda*; Adelaide dos Santos Simão — *Cural das Freiras (Madeira)*; Administração e Empregados da Sacor — *Alcobaça*; Administradores da Rádio Marconi — *Miragaia (Porto)*; Afonso Rezende — *Cinfães*; Agricultores do Chimoio — *Miragaia (Porto)*; Águas e Saneamento — *Agrela*; Alfândega da Beira — *Torre de S. João*; Alunas do Liceu Carolina Michaelis — *Águas Santas*; Alunas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — *Tojal*; Alunas do Liceu Rainha Santa Isabel — *Vales (Paço de Sousa)*; Alunos do Colégio de Ermesinde — *Ermesinde*; Alvaro — *Correio de Coimbra* — *Adémia (Coimbra)*; Amal o próximo — *Sobrado (Valongo)*; Amélia Cunha Leão — *Parada Todeia*; Amigo dos Pobres — *Covilhã*; Amigos do Gaiato — *Paredes*; Amigos de Longa residentes em Angola — *Longa*; Amigos do Património dos Pobres — *Covilhã*; Amor Fraternal — *Livração*; Anjo da Guarda — *Ribeirão (Famalicão)*; António e Beatriz — *S. Antão do Tojal*; Dr. António Pedroso Pimenta — *Agueda e Paço de Sousa*; Armazenistas de Mercaria — *Livração*; Auto-Industrial e seu Pessoal — *Adémia (Coimbra)*; Avillez — *Canas de Sabugosa*; Avô Delfim — *Águas Santas (Ermesinde)*; Avô Emilia — *Águas Santas (Ermesinde)*; Avô Ferreira — *Mira d'Aire*; Avô Joaquina — *Mira d'Aire*; B. A. 5 — *S. Jacinto (Aveiro)*; Baía dos Tigres — *S. João dos Montes (Lisboa)*; Banco Aliança, do Porto — *Livração*; Banco de Angola — *Alcanena*; Banco Borges & Irmão — *Alfândega da Fé*; Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa — *Alcobaça*; Banco Nacional Ultramarino — *Alvito*; Banco Pinto & Sotto Mayor — *Almacave (Lamego)*; Banco de Portugal — *Santo Antão do Tojal*; Batalhão de Metralhadoras 3 — *S. Martinho do Campo (Valongo)*; Beato Nunho — *Santo Antão do Tojal*; Belarte — *Lever (Crestuma)*; Bicivilar — *Leça do Balio*; Bodas d'Oiro — *Cascais*; Bodas de Prata — *Alfândega da Fé*; Bom Pastor — *Alijó*; Bucelato & C.ª — *Viseu*; C. Santos — *Paredes*; C. T. T. — *Lamego*; Caixeiros Viajantes — *Livração*; Candidinha e seu Pessoal — *Melres (Gondomar)*; Caravela — *Viseu*; Carlos e Alberto —

Livração; Carlos Marques Pinto — *Lagares, Ordins, Ribas e Valpedre*; Casa Graham — *Ramalhe (Porto)*; Casa da Sorte — *Alcanena*; Casal Feliz — *Carvalhido (Porto)*; Casal Feliz — *Oliveira (Caldas de Mole- do)*; Casal Feliz — *Santo Antão do Tojal*; Casal de S. José — *Miragaia (Porto)*; Catarina — *Mira d'Aire*; Catorze Irmãos — *Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes)*; Cerâmica Vouga — *S. Jacinto (Aveiro)*; Chandor-Goa — *Alcanena*; Chibuto — *Miragaia (Porto)*; Cidade de Moçambique — *Miragaia (Porto)*; Cinema Olímpia — *Viseu*; Clero — *Adémia (Coimbra)*; Colectividades Populares do Porto e Arredores — *Majamude*; Colégio Brotero — *S. João da Foz do Douro*; Colégio Lusitano — *Carvalhido (Porto)*; Colégio Moderno — *Canas de Sabugosa*; Colónia Portuguesa de Belo Horizonte — *Viseu*; Colónia Portuguesa do Pará — *Braga*; Comerciantes, Industriais e Amigos do Bonfim e Campanhã — *Melres (Gondomar)*; Comerciantes, Moradores e Empregados das Ruas dos Clérigos e Carmelitas, do Porto — *Lever*; Comerciantes das Praças Carlos Alberto e da Universidade, do Porto — *Leça da Palmeira*; Comissão da Queima das Fitas de 1954 — *Adémia (Coimbra)*; Companhia Algodões de Moçambique — *Alminhas (Galegos)*; Companhia do Boror — *Braga*; Companhia Portuguesa de Celulose — *Cacia*; Companhia Rádio Marconi — *Vendas Novas*; Companhia de Seguros Tranquilidade — *Carvalhido (Porto)*; Companhia União Fabril — *Mirandela*; Conde da Covilhã — *Covilhã*; Condestabre — *Amigo dos Pobres* — *Ponta do Sol*; Condestabre Santo — *Alvito*; Condestável — *Bombarral*; Conferências de S. Vicente de Paulo de Lourenço Marques — *Miragaia (Porto)*; Confidente — *Carvalhido (Porto)*; Coração de Jesus — *Vouzela*; Coração de Jesus — *Carvalhido (Porto)*; Corporação da Guarda Fiscal de Moçambique — *Braga e Rans (Penafiel)*; Correia Neves — *Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes)*; Correia Ribeiro — *Famalicão*; Cruz, Sousa & Barbosa, Lda — *Arcias (Santo Tirso)*; Dez Netos — *Miragaia (Porto)*; Despachantes e Ajudantes da Alfândega do Porto — *Miragaia (Porto)*; Dois Pobres de Cristo — *Covilhã*; Domingos-Tereza — *Ermesinde*; Donim — *Guimarães*; Dundo — *Vouzela*; E. C. L. — *Mocira-Liz*; Eduardo Moreira e Cristina Moreira — *Be- ringel*; Emissora da Beira — *Miragaia (Porto)*; Emporium — *Rezende*; Empregados Bancários de Coimbra — *Adémia (Coimbra)*; Empregados do Banco de Angola — *Mira d'Aire*; Empregados do Banco Nacional Ultramarino, do Porto — *S. Pedro da Raimonda*; Empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor — *Armamar*; Empregados do Banco de Portugal, de Lisboa — *Alvito e Cascais*; Empregados do Bank of London & South America, Ltd. — *Mosteiro (Vila da Feira)*; Empregados da Casa Breyner & Wirth — *Cantanhede*; Empregados da Companhia dos Algodões de Moçambique-Namiolo — *Esme e gilde (Paço de Sousa)*; Empregados dos escritórios e gabinete técnico da CHENOP — *Cinfães*; Empregados da F. N. P. T. de Lisboa — *Santo Antão do Tojal*; Empregados da Longa Agrícola — *Reguengos de Monsaraz*; Empregados da Manica Trading, da Beira — *Miragaia (Porto)*; Empregados das Minas de S. Pedro da Cova — *Fânzeres*; Empregados das Obras Públicas da Beira — *Campo Maior*; Empregados da Rádio Marconi — *Miragaia (Porto)*; Empregados da Roça Santa Cruz, Angola — *Paredes*; Empregados da Shell — *Vale de Ferreiros (Rio Tinto)*; Empregados da Vacuum — *Miragaia (Porto)*; Empregados da Vacuum de Lisboa — *São Julião do Tojal*; Encanecidos — *Astromil*; Escola Central de Sargentos — *Agueda*; Escola Industrial Josefa de Obidos — *Mira d'Aire*; Esperança — *Calvário (Beira)*; Espírito Santo — *Ribeirão (Famalicão)*; Estação Central Telefónica do Porto — *Lever (Crestuma)*.

CONTINUA



FACETAS DE UMA VIDA

Em 15, passava eu por Lourenço Marques a caminho do Chinde, vindo de Portugal, e ali me deram algumas cartas de recomendação para si, dizendo-me ao mesmo tempo que fatalmente havíamos de ser sempre amigos. Isto é um crédito, porque escondê-lo, que a opinião dos nossos contemporâneos lança nas páginas do livro da nossa vida. Amigos somos, com efeito, mas isso não basta. Eu quero que o seu conceito da vida seja igual ao meu. Somos ambos filhos de gente humilde, ambos amamos a nossa terra, ambos sentimos a natureza, temos as mesmas vistas sobre a filosofia da vida natural. Porque discrepar num dos seus pontos mais íntimos? As religiões, em todos os tempos, marcaram e marcam povos, idades, civilizações. Ordinariamente, a última coisa que o homem perde é a religião da sua infância, de seus pais, da sua Pátria. Os Portugueses são católicos, quer dizer, da Igreja Universal. Por isso, S., lhe peço que entre dentro de si e considere bem este nosso caso. De nada serve sermos unidos aos olhos dos homens, se aos de Deus andamos tão afastados. Uma vez que os nossos conhecidos escreveram implícitos elogios nas páginas do livro da nossa vida, não os apaguemos, mas façamos com que eles sejam subscritos por Deus em perfeita comu-

nhão de ideias, sem o que tudo seria letra morta. Amigos unidos aqui, sim, mas que essa união se prolongue até ao campo da Eternidade aonde nos conduz a fé e a vida sobrenaturais. Ore, ajoelhe. Eu não o vi fazer isso em Santa Cruz, quando ali fomos! Orar não é mais do que confessar a Deus a nossa indigência.

Vai por esta mala:

Um número de «The Universe», jornal católico que uma tal Miss Stapleton me manda regularmente, para que V. assim possa ajuizar da vitalidade da Igreja Universal, visto como este não é o único nem o maior jornal católico que se publica em Londres. Dentro vai um artigo que rasguei doutro número, sobre a Obra Maçónica na revolta de México.

Vai a revista «Os estudos».

Vai uma tese sobre o ideal cristão apresentado por um estudante de medicina, actualmente monge de S. Bento, em Espanha. O seu espírito não está em condições de assimilar a doutrina, que é toda de vida sobrenatural, ao contrário do Marden, que é naturalista. No entanto, eu desejo muito que V. leia com interesse.

Fico à espera das suas revistas. São cheias de interesse e erudição.

Saudades a todos do seu,

Américo

SETÚBAL

Continuação da primeira página

A mulher estremeceu. Eu também. Um grupo de crianças que ia comigo olhava a cena sem a perceber mas com inquietação. Repeti a pergunta. A mulher olhou-me e no seu olhar vi que era cega e apresentei-me. Como que eletrizada, agarrou-se à minha batina a tremer e a clamar: «ai leve-me, leve-me, leve-me»...

De toda ela exalava mau cheiro. Parece que é por ele que está condenada à rua desde o romper da aurora a altas horas da noite, quer chova, quer faça frio ou calor.

De que sofre? — perguntei. — «É de dentro»!

«É o caruncho» respondeu, em ar repelente, alguém que se apresentou como terceira sobrinha. A velhinha continuou como que a afirmar-se: «É de dentro, é de dentro».

O seu sofrimento é interior. Ela agarrada a mim não me meteu medo nem nojo; mas pareceu-me Cristo em tom suplicante que me penetrava o peito: «Leve-me pela Caridade».

O seu maior suplício é ausência de amor, a sua maior cruz a falta de carinho. «É de dentro».

«É o caruncho, responde o mundo. E porque tem o caruncho vai prá rua. Põe-se de lado. Olha-se com repulência e fala-se-lhe em tom asqueroso».

O que é o mundo!... O que somos, nós os homens!...

Se Padre Baptista ma quiser, ela merece entrar no Calvário!

Padre Acílio



TRIBUNA de Coimbra

Naquele sábado comecei o meu dia pela Sé Nova onde quis grata e amorosamente celebrar por alma duma Snra. que muito nos ajudou. Que o azeite e o dinheiro sejam, hoje, para ela luz de glória junto de Deus e que seus filhos a sigam.

Quando dava acção de graças chegou um senhor e depôs duas moedas na minha mão. Momentos depois, esperava vez para me confessar, uma senhora deixa-me uma nota escondida.

Aviado este primeiro recado, desci à Baixa. No princípio da Sofia encontro uma pobre de há muitos anos. Sempre as mesmas aflições: a alegria de me encontrar, o desejo de me falar, o coração avariado a precisar de internamento no Hospital,

a idade dela e do marido que já não podem trabalhar, a renda da casa muito atrasada, um rosário de queixas que os meus ouvidos já conhecem de vezes sem conta. Dei-lhe uma das moedas e despedi-me.

Atrás seguia um senhor que deve ter presenciado o nosso diálogo. Adianta-se e paga 4 vezes mais o que eu tinha dado. Logo a seguir a Mabor, onde eu me dirigia. Há dias a nossa Opel tinha ficado sem sapatos. Mandei-a calçar. Os Senhores, com aquele carinho de sempre, deram metade.

Mais recados. Mais voltas. Mais ruas e becos. Mais toma aqui e deixa acolá. A nossa missão é de recoveiros.

Passava do meio-dia quando cheguei a casa. Havia partido

de manhãzinha. O irmão burro, já não podia mais. Anda fraco. Peguei num cobertor e estendi-me na cama.

Mal me havia estendido, vem um dos nossos com um homem muito novo que me queria falar. Negócio. Pechinchas. Não é a nossa vida. Despedi e fiquei-me recostado.

Mais gente a bater à porta. Era uma pobre mãe conhecida de há muito. Tínhamos em nossa Casa dois dos filhos e apa-receira emprego para o mais velho. Ela vem pedir para ele. Tem um ranchinho de filhos todos mais novos. Ele agora já pode ajudar. Nem que seja

CANTINHO DOS NOSSOS CASADOS

Ordins,
R. da Caridade, 16

Tojal, festa da Apresentação de Nossa Senhora.

Na tribuna que dá para a igreja, onde foi a primeira Capela do Tojal, juntámo-nos, os nossos casais de lá mais eu.

Não é primeira vez que ali nos reunimos para a Santa Missa, precedida sempre por uma meditação sobre temas de espiritualidade conjugal e esta posta em relação com o serviço da Obra.

A liturgia da Festa deu-nos o assunto:

Os Judeus tinham por maldição a esterilidade. O livro primeiro de Samuel descreve-nos o estado de agonia em que Ana ia ao Templo e aí orava com tal veemência e lágrimas, que o Sumo Sacerdote Heli chegou a tomá-la por embriagada.

Nem sequer a compensava a ternura com que Elcana, seu marido, diligenciava consolá-la: «Ana, porque choras?, porque deixas de comer?, porquê se aflige assim o teu coração? Não vês que eu procuro ser para ti como dez filhos?»

Mas nada confortou Ana senão a resposta do Céu às suas preces: Deus deu-lhe Samuel. E ela consagrou-o ao serviço de Deus.

Nossa Senhora também foi levada ao Templo em pequenina, por Santa Ana e S. Joaquim, seus Pais; e lá ficou no serviço do Senhor.

Também os vossos filhos têm sido apresentados no Templo. Essa vez, à porta da Igreja, o Sacerdote perguntou-lhes: **Que pedes à Igreja de Deus?** E eles responderam pela boca dos padrinhos, que são apenas substitutos de vós na responsabilidade da afirmação: **A Fé; a Fé, para a Vida eterna.**

E os vossos filhos tornaram-se filhos de Deus.

Foi uma verdadeira consagração, que a vossa Fé, depois, completou, aos pés do Altar de N.ª Senhora, fazendo-vos dizer na vez do vosso filho: «Ó Senhora minha e

minha mãe, eu me ofereço todo a vós...»

Aliás, esta oferta do vosso filho ao Senhor é um acto de Justiça. Vós destes-lhe a carne; Deus criou-lhe a alma. Ele é de vós segundo a carne; e é de Deus segundo o que é mais que a carne: o espírito. Portanto é justo que a propriedade de Deus seja assinalada. E o sinal é Ele mesmo quem o grava na alma, configurando-a a Si, ungi-la com o óleo dos eleitos para reinar conSigo toda a eternidade.

Este vosso acto ofertorial realizado no Baptismo deve permanecer como disposição habitual. Se os vossos filhos são filhos de Deus, que a segunda filiação, infindamente mais nobre, prevaleça sempre. Que o Senhor os guie, os guarde e os utilize no Seu serviço, como outrora Samuel, Nossa Senhora e tantos mais.

Vós sois também seus guias e tendes a missão de os guardar. Sois tal por delegação d'Aquelle que vo-los deu, «único de quem procede toda a paternidade no Céu e na Terra».

A parte de Deus nos vossos filhos já no plano natural é incomparavelmente maior do que a vossa, por própria razão de origem; e é infinitamente acrescida essa razão, quando, pelo Baptismo, eles foram elevados ao estado sobrenatural. Por isso a vossa propriedade sobre eles vincula-se e rebrilha na medida do vosso cuidado em serdes fieis legados da paternidade de Deus. Quanto melhor O reflectirdes sobre os filhos, mais eles serão vossos e, em vós, de Deus.

Nesta perspectiva compreendereis melhor e podereis comungar mais intensamente, as nossas preocupações de Pais desta grande família.

Isto também pertence à vossa vocação se fostes bem chamados a ficar ao serviço da Obra.

Nós não geramos a multidão de filhos que Deus nos entre-

anos que os conheço. O homem, moço de fretes, poucas vezes o não encontro ao alto. Os filhos, agora já rapazes, um está no reformatório, outro na tutoria, outro no hospital dos pulmões e só um pequenito trabalha. A filha anda ao Deus dar. Eis a situação duma família. A mãe é digna de dó. Embora se tenha habituado a pedir, à procura da vida. As festas corre-as todas a vender pirolitos.

De tarde não foi preciso falar muito. Era já noite quando o telefone me chamou. Era uma Carmelita a pedir para um seu irmãozito órfão de pai e mãe logo ao nascer. Disse da superlotação da nossa Casa e fiquei-me triste por o não poder receber. Era já quase fim do dia quando parti para Miranda, para na manhã seguinte ali celebrar.

Padre Horácio

gou. Mas temos a missão de os guiar, de os guardar, de os dedicar ao serviço do Senhor... tal como vós os vossos, que gerastes. Eis um traço de união que vos dá o poder de uma participação mais profunda no nosso ministério.

A vossa ascensão ao estado de paternidade irmanavos mais a nós, pois que afinal a vossa e a nossa paternidade são, em espécie, a mesma delegação visível e temporal da paternidade eterna do Pai Comum, do Único que é verdadeira e totalmente Pai.

Compreendereis agora, melhor a oração de Pai Américo, inquieto pelo destino dos seus filhos: «Senhor, eles são mais Teus que meus».

Deve ser também a vossa oração a respeito dos filhos que Deus vos deu. E ela deve alargar-se ainda às intenções mais vastas dos vossos Padres, que vos convidam e chamam a participar nos seus cuidados paternais, do mesmo modo que se vos oferecem e realmente partilham dos vossos que, em verdade, também são seus.

Este é o nosso dever de estado: Apresentarmos a Deus os nossos filhos, todos os dias da nossa vida; para que possamos apresentar-nos a nós mesmos, dignamente, naquele derradeiro em que o Senhor vier chamar.

Continuação da primeira página

cias e sacrifícios para o Calvário, que é lugar de amor para os Pobres».

Quem se empenhou em levantar no Calvário a Casa «Ouvi-me, Senhor» esteja descansada que já está habitada.

Mais presenças. Mais renúncias. É a Conferência de Silva Porto. É a Mãe de dois filhos. Outra amiga do Porto. Angolana residente na Rodésia. Emília do Porto. E o Porto tantas vezes. Filha que não esquece os doentes. Amigos inquietos. Horticultor. Mais um admirador do Porto.

Gente sem nome a pedir orações por alma do marido, pela boa operação da filha, pela conversão dos seus. Nomes sem terra com migalhas para os velhinhos do Calvário e com carinhos que nos confundem.

A humilde portuense há quanto tempo é certinha em seu dar mensal!

Suprimimos números porquanto traidores muitas vezes da grandeza de quem dá. Preferimos revelar a grandeza d'alma das almas que se dão:

«Junto envio uma ajuda para o Calvário, que há tanto tempo desejo visitar. Demorei uns dias a enviá-la, porque queria ver se conseguia ir aí pessoalmente, mas como não sei quando, não sinto o direito de reter o que já me não pertence. Quisera dar muito, para quem tanto sofre; e eu sei que é tão triste ver sofrer sem alívio! Faz hoje 18 meses que o Senhor levou minha mãe, que tanto sofreu. E nada lhe faltou em cuidados e carinho! Por isso calculo o que há de terrível no sofrimento abandonado, por nossa culpa. E quero (o Senhor há-de ajudar-me a poder!) mandar pequena ajuda para os doentes do Calvário, em especial para os que mais dores sofrem. Que o Senhor não permita que eu viva tranquila, antes aprofunde cada vez mais esta inquietação que devemos sentir pelos nossos irmãos doentes ou não; que não deixemos de fazer o bem que podemos, e devemos: e podemos tanto, se quisermos, com a ajuda do Senhor! Peça ao Senhor que nos faça servos fiéis; que aceite o sofrimento dos nossos irmãos doentes em reparação das nossas culpas, para que a revolução verdadeira e profunda, a Sua, seja feita em cada um de nós».

E o milagre da existência do Calvário é operado exclusivamente pelo muito amor que Deus depõe no coração dos homens, e só, como vês.

PADRE BAPTISTA

Se com os chales se conseguiu que Ordins fizesse parte da vida de tantos, ao mesmo tempo também as alegrias e tristezas daqueles que acorrem a Ordins, em serviço fraterno, se tornam nossas, alargando imensamente as fronteiras da nossa alma. Ordins não é já esta pequenina terra, no alto da serra do Mosinho. Ordins é um mundo inteiro.

Ao receber a vossa ajuda, deparemos com doentes que almejam a saúde e pedem orações; esposas e mães, aflitas pela sorte dos maridos e filhos; pecadores pelos quais é preciso orar; notícias alegres, alternando com lágrimas e dores. Como nos poderíamos insensibilizar perante tantos que sofrem? O amor nos une. Cristo nos une.

De algures, um postal: «este chale destina-se a um bebé sem pai e com uma mãe de 15 anos, da terra onde sou professora». Quem não há-de sentir a tristeza invadir-lhe a alma, ao ler a notícia? Não se diz a terra sobre que caiu tamanha ignomínia! Nem outras, que gemem com o mesmo mal. O amor, fogo que queima. Perante mães indignas e incompetentes e pais que procuram escapar-se às obrigações da sua paternidade, há que haver uma legislação clara e severa que proteja os fracos, quais são os filhos do pecado, e condene os seus criminosos autores. Tem de haver uma lei forte, a bem da família, para sustentar a onda

de tais crimes e devassidões. Se semelhantes pais constituem um péssimo exemplo para a sociedade, que vão subvertendo com a sua vida de escândalos, por que não puni-los? Puni-los, por serem pais ilegítimos! Se os ladrões se prendem, por que deixar em liberdade quem roubou o bom nome daquele que há-de ficar nos registos de nascimento e baptismo como *filho de pai incógnito*, ferrete de ignomínia?! Os pais ilegítimos, são uma maldição para a sociedade que os permite.

Se as raparigas tivessem sempre diante dos olhos o exemplo heróico de Santa Maria Goretti, que preferiu a morte à desonra!... Mas para muitas, infelizmente, vale mais a vida do que o ideal. Essas que preferem, ou se não defendem da desonra — e tantas são mais culpadas do que eles — merecem castigo, ao abrigo duma legislação que defenda a mulher e a família.

Muitas queixam-se dos sócios do pecado, quando são elas muito culpadas pelo desaforo das suas atitudes provocantes e pelas modas depudoradas, bem dignas de mulheres da viela. E o que é pior — tal a subversão de valores! — usam tais modas senhoras que não temem aviltar-se até à confusão!

Difícil uma legislação que ponha cobro à desmoralização da mulher, aliciada pela moda. Porque difícil — nenhuma se faz.

Mas, por mais culpas que pesem sobre a desonrada, o homem não pode alhear-se à consequência das suas acções, sob pena de ser um irresponsável.

Se o fruto do pecado é dos dois, não está certo que seja a mulher a alijar o fardo, para um orfanato por não poder sustentar a criança. É necessária uma lei que obrigue o pai a descontar do seu ordenado o suficiente para tanto. Temos orfanatos a mais, constituindo um peso para a Nação. Precisamos de leis simples que ajudem o homem a redimir-se da sua fraqueza. Precisamos que a justiça se torne mais simples e acessível.

Chales e echarpes; carpettes e camisolas; mantas para berço e cobertores; pegas para panelas e tapetes. E não sei que mais. O melhor é os senhores darem por aqui uma voltinha, que não irão de mãos vazias. Chales e echarpes podem pedir à vontade. O resto só em bicha para os não apressados.

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro. Vales pagáveis em Paço de Sousa.

Padre Aires

COLABORE NA

„Campanha de Assinaturas„

CASOS DO MOMENTO

CONFIANÇA — O Quim foi passar uns dias lá para os lados do sul. Antes distribuiu trabalho pelos seus operários — ele é o mestre da Carpintaria. Veio ter comigo e deu-me para a mão um molho de chaves. Eu olhei para elas e mais para ele e guardei silêncio. Guardei, mas agora não me contenho. Obri-

gado Quim, porque te esqueceste de que eu andei seis anos pelas prisões.

BILHARES — Já chegaram 2. Uma ajeitada e polidos, e eis umas horas passadas fora da ociosidade. Aqui a alegria de quem no-los ofereceu. Obrigado também ao Sr. Marta, a quem

fomos por madeira para o concerto. Até aqui era o bilhar, agora é a televisão a preocupação destes rapazes «vivos para o bem, mas para o mal também, — se a ocasião o permitir».

Nós viemos da rua...

OFICINAS E OS PATRONOS — Por aqui se pode ver o que é o «mundo» das Casas do Gaiato. Ora façam o favor de tomar nota de como eles sabem organizar: Hoje foi na oficina de Sapataria. Lá se puseram a pau e toca de astear a bandeira, com as insígnias dos sapateiros. À tarde houve merenda para os ditos operários. Ora, se não sabem, fiquem sabendo que os sapateiros têm o seu patrono — S. Crispim.

HORAS BELAS — Não sei por onde andava este rapaz, antes de ser nosso. Ele é muito alegre e folgazão. Pois quem no vir agora nas horas de recreio, não dirá o mesmo. Ele anda entusiasmado com os cenários para a recita do Natal, e por isso, todos os bocados disponíveis passa-os no salão de festas, de roda das tiras de papel a pintar. O gosto, a ocupação dum tempo que lhe poderia ser fatal.

QUEM MANDA? — Se Padre Carlos está para o sul maior Quim. Se Padre Manuel foi ao Porto com o Carlitos. Os dois Padres fora, os dois chefes idem. Será caso para perguntar: Quem é que manda aqui? «Desorganização organizada». Nem directores, nem secretários, nem nada; «eles e mais eles no que é seu».

Ernesto Pinto

CAMPANHA DE ASSINATURAS

«A minha mão treme»

Não é sem um nadinha de emoção que damos notícias do fervor e entusiasmo que arde no coração dos leitores interessados nesta Campanha. As cartas são facho de luz. São espelhos de alma. Aqui vai, já, uma do Porto:

«Ao ler o vosso e nosso tão querido jornal «O Gaiato» não me pude conter, e não descansei enquanto não preenchi a vossa circular, inscrevendo-me como assinante.

A minha mão treme ao escrever estas palavras, e treme porque eu embora ame esta grandiosa obra, nunca fui ao encontro dela; ela é que me procurou».

E é, particularmente, à procura de casos idênticos que a gente anda empenhado. Quantos, apesar de nos amar ainda não se alimentam da seiva que circula no Famoso! Para o quê, façam favor de ler mais esta, que é de Rio Tinto:

«Permita-me, como assinante, que manifeste o sincero desejo de contribuir o mais possível para que todo o mundo oiça bem a vossa voz. Como não podia ficar indiferente tenho, creio eu, parte do meu dever cumprido, com uma modesta lista de novos assinantes; todos eles eram admiradores da Obra, mas não liam o Famoso que tanta falta faz a quem não o lê, e bem a quem o ler; rogo portanto o favor, lhes seja enviado, o mais depressa possível, para que passem a conhecer a Obra por dentro e por fora. Como me não foi possível conservar a lista que me mandaram, do que peço desculpa, menciono mesmo aqui os novos assinantes: (5 do Porto e um de Louzada).

Foram estes que me foi possível conseguir, por quem aliás fui bem recebido, graças a Deus; o mesmo não acontecendo com outros mais difíceis de convencer: como sabe há de tudo».

Lisboa marcou uma presença muito satisfatória. Vieram listas a abarrotar! (Que se alegre o Senhor P. e José Maria. E queira Deus que os novos assinantes, desde já, nutram um afecto especialíssimo pela nossa Casa do Tojal — tão esquecida pelos lisboetas).

Mas o Porto — ai o Porto! — ficou um nadinha abaixo da Capital. Acordem, senhores tripeiros! Que Lisboa está a trabalhar como manda a lei e, pelos vistos, decidida a ganhar a camisola amarela da Campanha.

A província foi — como era de esperar — o grosso da coluna. Macieira de Cambra apresenta uma lista carregada de assinantes. E outra de Coimbra, com deles de Cantanhede, Oliveira do Bairro, Barrancos e Santa Comba Dão.

Caxarias marca, sempre, uma presença agradável. Temos lá um Amigo que nos diz: «Entretanto e apesar dos meus cuidados, já perdi dois. Como é uso dizer-se, não há gosto sem desgosto e eu, neste caso, inverte os termos e digo, não há desgostos sem gostos o que provo com a apresentação de 2 novos assinantes». Isto é que é trabalhar!

Uma vista de olhos pelo movimento recebido e notamos mais a presença de Guimarães, Gaia, Viana do Castelo, Viseu, Ponte do Gôve, Póvoa de Varzim, Chaves, Nespereira, Funchal, Alvarães, Régua, Gouveia, Covilhã, Niza, Vendas Novas, Espinho e Tomar. Um mapa de Portugal!

Finalmente, o nosso Ultramar. Apesar de já ter comparado de mãos cheias, não descansa! Aqui está a Beira, pela mão de uma assinante amiga, que diz: «Junto envio uma lista que, com grande pesar meu, só leva uma inscrição. É de lamentar que pessoas de tão bons proventos só pensem egoisticamente em si! Se quisessem ocupar um pouco de tempo lendo o «Gaiato», talvez pensassem de maneira diferente — mas até nisso são egoístas. Enfim, que Deus lhes perdoe».

Segue-se Quelimane e Lourenço Marques. De Angola, comparece Luso — que terra! — e Uíge.

E pronto. Por hoje é tudo. Vamos a ver que nos traz a próxima quinzena.

Júlio Mendes

Conferência

S. O. S. — Um dos pedidos mais insistentes dos nossos Pobres, é roupa. Ora a gente não podemos ficar calados e cá estamos a soltar o grito de alarme. Dêem, por favor, uma volta nas arcas. O que já não serve, aquilo que podem dispensar, tem um caminho: Conferência da Casa do Gaiato — Paço de Sousa. Os senhores, as senhoras principalmente, tenham a alegria de vestir os Pobres. Em nome deles aqui vai, antecipadamente, um muito obrigado.

O que recebemos: De Lisboa, 20\$. «É pouco, mas creiam que é com muita alegria que os envio». Aqui está o valor! A. F., do Porto, os costumados 20\$. Mais o dobro da assinante 17022, que é um ferrinho, também. Mais 50\$00 de Castelo Branco. Uma senhora muito nossa amiga, da Murtosa, 350\$00, «sufragando a alma do nosso nunca esquecido Pai Américo. São as rosas que lhe oferecemos». E muito bem! Como Pai Américo não deve ter apreciado a vossa oferta! Mais de Gouveia, 20\$00 «em cumprimento de uma promessa». E mais 30\$00 da assinante 9102 do Rio de Janeiro. E outros 20\$00, de Coimbra. E metade de uma viúva do Porto.

E outra vez a assinante 17.022, com 40\$00. O mesmo do Eng.º Vilela Bouça. E metade de Maria Emília Mendes. E 10\$00 do assinante 15436. E o dobro de Laura Costa. E mais 10\$ da número 2164. Duas vezes mais de algures. E Joaquim Belo com 200\$00. A. F., a décima parte. E metade de Famalicão. E mais 20\$00 de Helena C. Alves, de Lourenço Marques. Finalmente, vamos ler esta carta com devoção:

«Junto a esta vinte escudos para os seus Pobres por alma do meu marido, era para os mandar no dia 22 pois era nesse dia que ele fazia anos e fazíamos anos de casados mas foi-me impossível pois tive falta de trabalho, peço-lhe para pedir aos seus Pobres para rezarem por ele o que muito agradeço.

Eu só posso dar pequenas quantias mas se eu tiver saúde e trabalho mandarei o que puder.

Viúva do porteiro».

Júlio Mendes

Visado pela Censura



BEIRE

Agora andamos aflitos, pois a chuva não nos deixa fazer a colheita do milho e do feijão.

Foi uma coisa louca em uvas este ano, pois até foi preciso comprar mais pipas. As que tínhamos não chegaram para meter o vinho.

O nosso pomar está a ficar que mais parece um Paraíso, com as suas verduras, pois está tão verdinho, e com a ajuda das laranjeiras e o limoeiro. Que lindo que ele está! Também temos surpresas, cá na casa, pois pela primeira vez as laranjeiras dão laranjas e o limoeiro dá limões.

Também vos dizemos que não há sopa melhor do que a nossa, pois as tronchudas fazem-na que é um regalo. Também cada vez que o Sedielos vem aos domingos comemos boas coisas, em especial puré. Ele está no Quartel de Espinho, cozinha na mess dos oficiais. Que ele venha aos domingos é o que nós desejamos. O Passos é um grande cozinheiro, mas ele ainda é pequeno.

— O Zézinho não andava e agora tem uma perna de alumínio e anda e brinca alegremente. Já não quer estar parado, o que quer é ir à casa da lavoura, e pela avenida acima ao Calvário.

Uma noite ao sair da capela disse: — Até amanhã Jesus, ficas aí mas amanhã vens cá para fora, sim?

— Como as noites já são grandes, agradecemos bastante, se nos mandassem uma televisão, para passarmos as noites mais alegres e depressa.

Joaquim

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA — Como se está a aproximar o Natal, amigos leitores, cá estamos nós a lembrar-vos que os nossos Pobres esperam a vossa ajuda que, por intermédio das nossas pecedoras mãos lhes serão entregues como nos mais anos entre risos e lágrimas de verdadeira alegria.

Os Pobres ficam contentes, vós e nós, amigos leitores, ficamos radian-



Morreu o nosso Alfredo. Que Nosso Senhor o tenha vindo buscar para o pé de Si.

Toda a morte, porque separação, nos faz doer de saudade. Esta custou-me muito. Apenas pôde ser ungido, porque perdeu a fala poucos dias após a entrada no hospital de província, onde se ia aguardando que ele melhorasse!...

Quando o levei a uma clínica foi tarde. Em sua volta chegaram a juntar-se cinco médicos conscientes, mas uma dose brutal de açúcar, pusera-o em coma diabético, de que não acordou mais.

Que Nosso Senhor o tenha vindo buscar para o pé de Si e lhe dê no Céu a alegria que ele mal provou nos seus 19 anos de passagem por este «vale de lágrimas».

tes e Deus estará mais junto desta corrompida sociedade.

E quem de nós não se sentirá contente, quando em comunhão com os nossos familiares, ao saborear a nossa consoada e nos lembrarmos que outras famílias estarão nesse mesmo instante radiantes de alegria, porque não lhes falta o pão na mesa à custa do nosso pequeno sacrifício? Quem? Até a festa nos correrá melhor, porque a consciência está livre e satisfeita por um dever cumprido.

Vamos, pois, bons amigos, fazer mesmo um pouquinho de sacrifício, se preciso for, para que na noite de Natal os nossos irmãos necessitados sejam aliviados, um pouquinho da sua pesada Cruz para que, pelo menos, nesta data tão feliz, não sintam tanta fome ou tanto frio.

Temos alguns Pobres dos chamados «vergonhados», que por estas alturas se fecham dentro dos seus lares para que ninguém veja a sua miséria pois, estando habituados a nada lhes faltar e agora que tudo lhes falta, não são capazes de estenderem a mão à caridade.

Para com estes, temos nós que ter mais caridade e para estes também espero que recebamos um donativo mais avultado e esperamos que seja também de algumas famílias mais abundadas porque é bom que se lembrem que pode a roda dos andar e tornar-se tudo na mesma pena.

Não me alongo mais porque já sei que não se vão esquecer de nós e não nos esquecendo evidentemente não esquecem os nossos Pobres.

Por conseguinte, bons amigos, dou agora muitas graças ao Pai do Céu por ter tocado no coração de vários amigos que se têm lembrado da pobre entrevada, pois chegaram até nós nada mais nada menos que 4 chales e 3 cobertores.

Evidentemente que os chales não foram todos para ela, antes os outros 3 foram assim distribuídos: um para uma velhinha de 68 anos, outro para uma outra velhinha mais ou menos da mesma idade e o último, que era cor de rosa e muito lindo, foi para uma menina de dez anos cuja prenda de aniversário foi este lindo chale.

Quando lhe entreguei, duas lágrimas rolaram pelas faces, dizendo-me ela: «quando a minha mãezinha me vir assim tão agasalhada até vai ficar melhor».

Além destes chales recebemos 100\$ para mais um, duma senhora, e que é para a mãe desta menina que necessita muito, pois é muito doente dos pulmões e sendo viúva tem que criar e educar os dois filhos que Deus lhe confiou.

Mas amigos leitores, se tiverdes mais algum chale ou roupas muito em especial, de cama, no vosso aconchegado lar, nós temos mais pobres para proteger do frio.

Este mês de Novembro, como aliás era de esperar, recebemos menos, o que não nos levou a baixar a nossa conta na mercearia e nos senhorios. Por fim recebemos do Senhor F. V. 100\$ habituais. Duas anónimas 40\$. De uma outra do Porto 20\$. Novamente da mesma cidade 10\$, mais 15\$, mais 20\$, mais 40\$00. E para acabar a procissão recebemos dos nossos subscritores 283\$30.

Fernando Dias

Gaiato